

ASSIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
 Semestre..... 5\$500
 Trimestre..... 3\$000
 Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
 Semestre..... 7\$000
 Trimestre..... 4\$000
 Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, Dr. Walduroff, D. Francisca Gonzaga, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1880 N. 7

Sorriso

Ver o ceu de saphiras recamado
 De milhares d'estrellas fulgurantes ;
 E a lua a fugir pelo espaço
 Qual virgem perseguida por amantes ;

Ver da rosa o botão desabrochando,
 Pelo rocio da noite, inda irrorado,
 E das dobras das pet'las desprendendo
 O perfume mais bello e cubiçado ;

Do zephyro applaudir o sopro ameno
 Na onda que rebenta em niveas flores ;
 E d'outras : fabricado por abelhas
 Sorver em doce enlevo os meis d'amores ;

Ver plumineo cantor em fragil haste
 Balouçado em gorgeios se esvair,
 E no ninho a consorte com os filhinhos
 Pipilarem azis só pelo ouvir ;

E das cordas da lyra, as consonancias
 Confundir-se ás camadas do ambiente,
 Que as transmitta aos ouvidos amadores
 Qual d'harpa eolia o som dulcificante.

Ver a fonte que corre entre os seixinhos
 Meandrosa e alegre sussurando,
 Qual infante que brinca á redea solta
 A dar saltos, correndo, e vai cantando :

Tudo isto, minha Cléa, me deleita :
 Porém inda me falta o mais preciso ;
 São as provas de amor que a tanto aspiro
 E que espero me as dês : em teu sorriso.

DR. WALDUROFF.



O leque

N'uma linda caixinha de setim,
 Bordada sobre azul de ouro custoso,
 Borme o leque delgado e primoroso,
 Fragil crivo de nitido marfim.

N'um leito de frouxel deitado assim,
 Repousa o entesinho melindroso,
 Que fôra, ha pouco, em baile esplendoroso
 Aza branca de celeo cherubim.

Em seu placido ninho ave inda implume,
 Guarda o indiciô, o calor, vago perfume
 D'aquella mão angelica, ideal.

Mas que pena ! a vareta está quebrada,
 Porque a moça nervosa, enciumada
 Vira o amante a sorrir para a rival.

S. JUNIOR.

Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

—

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

IV

A senhora de Entre-arroios viu-o sahir, sem tentar impedil-o e, abanando lentamente a cabeça, murmurou commovida:

— Pobre filho! tem o coração d'um anjo!

O medico, sem despegar os olhos da folha, fez ouvir um inintellegivel monosyllabo com pretensões a particula affirmativa.

D. Margarida conhecia o doutor e por via de regra não o procurava em momentos de expansão e de sentimentalismo; por isso preferiu dirigir-se a mim e recostando-se ao parapeito da janella, d'onde eu observava ainda Thomaz, que já se perdia por entre os desvios das avenidas, continuou:

— Não faz ideia, Sr. D... como aquella alma sensível se afflige, quando algum infortunio succede que ella não possa remediar.

— Seu filho tem nobres sentimentos, minha senhora; pude-o avaliar agora e suspeitava-o, desde que trocamos as primeiras palavras esta manhã.

— Meu pobre Thomaz! e lembrar-me que, talvez bem cedo, tenha de me separar d'elle!

— Uma ausencia momentanea é compensada de sobra pela alegria da volta!

— Da volta! mas quando entre nós e essa volta estão ainda annos e quando se tem um saude tão delicada, como a de Thomaz!

— Oh! minha senhora, isso são temores de mãe. A constituição do Thomazinho é até vigorosa, e senão o doutor que o diga.

— Pois sim! e aquella melancolia?

— Eu achei-o jovial.

— Ai, enganou-se. Está assim um momento e elle ahi principia a entristecer, a entristecer, a entristecer, que me corta o coração só em olhar para elle.

— Que quer, minha senhora? São coisas dos quinze annos. As recordações de V. Ex. não lhe dizem nada a este respeito?

— Sei ao que se quer referir; mas não vejo fundamentos... Vivemos aqui isolados...

— Por isso mesmo, minha senhora. Ha cousas que o coração nos ensina, ainda quando longe dos objectos que lh'as possam fazer lembrar. Quanto mais...

— E quer saber?—acrescentou em tom de mysterio a senhora de Entre-arroios, inclinando-se ao meu ouvido,—vou confiar-lhe um segredo, que a ninguem ainda disse e que espero a ninguem ha de dizer tambem.

— Póde crê-lo, minha senhora.

— Thomaz é poeta! continuou ella, baixando ainda mais a voz e quasi com uma expressão de terror.

— Ah! Não vejo n'isso grande mal; e até, para lhe fallar a verdade, minha senhora, eu já o suspeitava.

— Sim? e pensa...

— Penso, minha senhora, que os poetas são almas privilegiadas, que Deus creou para entoar seus louvores, quer os cantos se lhes elevem nos templos como o incenso dos thurybulos, quer se derramem, como o perfume das flôres, por toda a natureza.

— Mas aqui todos me dizem que os poe-

tas são uns loucos, extravagantes e que o seu fim nunca é bom!

— V. Ex. gosta de flôres?

— Muito!

— E que lhe dizem d'ellas tambem essas pessoas?

— Nem sequer fallam em similhante cousa, que eu saiba.

— Pois os poetas, minha senhora, são as flôres da da humanidade.

A senhora de Entre-arroios pareceu reflectir n'estas palavras, e respirou emfim como se se visse livre d'um pesadelo.

— O Sr. tambem é poeta?

Foi a pergunta que em seguida me fez.

— Não tenho essa fortuna, minha senhora.

— Mas entende de versos?

— Leio-os com prazer.

— Ora então espere. E sahiu da sala.

A Sra. D. Margarida apresentara-se-me agora sob um aspecto novo, em que não pude deixar de admirar-a.

Até alli vira n'ella encarnado o typo, não direi ridiculo, mas vulgar e prosaico da dona da casa, que eleva á altura de questões diplomaticas as pequeninas misérias de uma vida domestica, deslisada das sete horas da manhã ás dez da noite, sem nenhum accidente serio, que viesse alterar-lhe a monotona serenidade. Agora, porém via-a transformada, purificada pelo amor de mãe, que lhe fazia vibrar o coração em harmonia com os mais delicados sentimentos, e dotava-lhe a intelligencia de uma penetração superior á esphera acanhada de suas habituaes occupações e educação incompleta.

Como o sopro de vida que no seio da crysalida a faz, n'um momento dado, voar borboleta, o amor materno operava n'esta

creatura, que me parecera vulgar, uma metamorphose que ás vezes a tornava em um ser, verdadeiramente superior.

A senhora de Entre-arroios voltou á sala, trazendo na mão um pequeno papel dobrado, que ao passar pelo doutor, o qual n'aquelle momento principiava a leitura d'um segundo periodico, teve o cuidado de occultar com uma especie de temor quasi infantil.

Chegando junto de mim passou-m'o para as mãos, dizendo:

— Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa do quarto. Encontrei-o, quando o arrumava, li-o e não entendi bem. Como elle depois nunca pareceu dar pela falta, resolvi guardal-o. Isto foi ha perto de tres mezes, justamente pelo tempo, e é isto que me dá canseira, em que elle principiou a ter aquellas dôres de cabeça, que o perseguem tanto. Pois póde acreditar que de então para cá, não passa uma noite sem que eu me ponha a lêr este papel, e o caso é que n'alguns pontos já pude entendêl-o melhor.

(Continúa)



Mote

Ainda depois de morto
Debaixo do frio chão
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

GLOSA

O mar thyrreno fendia
A náu d'Ulysses doloso
E no horizonte nubloso
Pouco a pouco se escondia.
Cyrce, que em furias ardia,

Brada assim do hesperio porto:
 « Ulysses, do Averno aborto,
 « Do meu mal não has de rir-te,
 « Que hei-de buscar-te e punir-te
 « Ainda depois de morto. »

+

Eis que viva e negra pomba
 Em lume de techo abrasa
 E de cem mochos que empraza
 Faz a Hecathe impia hecatombe.
 Subito ao longe ribomba
 Rouco, horroroso trovão,
 Zune furioso tufão,
 As aguas a furia augmentam,
 Larvas, spectros rebentam
 Debaixo do frio chão.

+

Nesta lucta furibunda,
 A náu sem leme, sem mastros,
 Ora topéta nos astros
 Ora no abysmo se afunda.
 De novo a maga iracunda
 Diz: « Teu mal seja infinito
 « Morre, infame, e no Cocyto,
 « Para terror dos malvados,
 « Na lista dos condemnados
 « Acharás teu nome escripto. »

+

Jove, que a scena divisa,
 Quer salvar o heróe valente;
 « Basta, » grita e de repente
 Cessa o vento, o mar se alisa,
 A maga, que se horrorisa,
 « Se é justo, diz, se é razão
 « Que fique impune a traição,
 « Sacro Jove, ao menos finda
 « Estas chammas, que ardem inda
 « Dentro do meu coração. »

CURVO SEMEDO.

Olha-me sempre

A.

Olha-me sempre, teu olhar é chamma,
 Que o peito inflamma, que o convida a amar,
 E eu sinto n'alma apaixonada e ardente,
 A força ingente do teu doce olhar.

×

Dos teus olhares brotam as delicias,
 Fervem caricias borbullhando amor,
 Como dos astros se desprendem lumes,
 E mil perfumes dos jardins em flor!

×

O rei dos astros no horisonte raia,
 A luz espraia, a criação sorri:
 Assim a chamma que teu olhar dardeja,
 Meu peito arqueja todo amor para ti.

×

Olha-me sempre, teu olhar, querida,
 Basta-me á vida para ser feliz,
 Como ao sedento basta a lymphá pura,
 Como a frescura ao perfumoso liz.

×

Se o meu olhar no teu olhar embebo,
 Sofrego bôbo da ventura o mel;
 Nem com mais ancia o colibri às flores
 Suga licores no gentil vergel!

×

Como a açucena que o calor inclina
 Ama a neblina que do ether cahe,
 Assim eu te amo, no prazer no pranto,
 Suave encanto que minh'alma attrahe!

×

Olha-me sempre... banha-me em fulgores
 No mar de amores desses olhos teus;
 Terás meus cantos, dar-te-hei contente,
 Cultos que o crente só tributa a Deus!

J. M.

A' Exma. Sra. D. Gertrudes...

Eu não sei, eu não quero, eu não desejo.

Eu não posso, meu bem, senão amar-te.

CARTAS DE HERO A LEANDRO.

Gertrudes, tu tens uns olhos
Que me matam!
Quando os volves, tem tal graça,
Que arrebatam! ...
Ah! Gertrudes, Gertrudes,
Por favor:
Com teus olhos me explica:
O que é amor?...

Ouvi-te cantar, Gertrudes,
Que melodia!
Orpheu se te escutasse,
Não cantaria!
Ah! Gertrudes, Gertrudes
Por favor:
Tu cantando me dize:
O que é amor?...

Como uma sylphide
Te vi dançar!...
Teus pés de fada
Sabem pizar!...
Ah! Gertrudes, Gertrudes
Por favor:
Dançando me cochicha
O que é amor!...

O teu porte engraçado
Me infeitiça!...
De teu todo o contorno
Faz cobiza!...
Ah! Gertrudes, Gertrudes
Por favor:
Dá-me um beijo...senão...
Morro de amor!...

DR. WALDUROFF.

Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

IV

— Mamãe é injusta comigo: censura-me por não ter ido a casa de minha avó, sem saber que motivos tenho para isso. D'ella não posso queixar-me; pelo contrario, conheci que sempre me votou animade sincera, estimando-me como seu proprio filho. De minhas primas, sim, é que estou escandalizado, porque, em uma occasião, como mamãe sabe, simplesmente por chamar-lhes, nem me lembro, parece-me que de delambidas, repelliram-me com grosserias improprias de moças honestas. Desde esse dia nunca mais lá voltei, porque afinal de contas, sou um homem e não estou resolvido a soffrer insultos de crianças atrevidas e mal educadas.

— Não admitto que lhes chame de mal educadas; lembre-se que são minhas sobrinhas e que exijo para ellas todo o respeito e consideração que merecem.

— Eu nunca as desconsidere, mamãe, apenas me tenho abtido de frequentar-lhes a casa, porque me julgo ainda offendido.

— Realmente, custa-me a acreditar n'esse amor proprio tão mal entendido que o não estorva de dirigir cartas amorosas a sua prima Isabel!

— Como é que o sabe, mamãe?

— O Sr. quer que me confesse? Digo-lhe que o sei, e é quanto basta.

Estes dous personagens, que o leitor já tem adivinhado, eram D. Thereza e seu filho, a tia e o suspirado primo das duas irmãs da rua do Cattete, que guardaram um instante de silencio, olhando-se mutuamente, e como que interrogando-se.

— Então que me responde a isto? continuou D. Thereza.

O moço meio confuso, pois não sabia o que devia responder a pergunta tão imperiosa, bocejou e encolheu os hombros, balbuciando:

— Isso não é verdade, mamãe.

D. Thereza, pondo-se de pé, grave e solemne, com a voz tremula de raiva, disse:

— O Sr., além de ser um filho desobediente, é mentiroso. Se seu pai fosse vivo, eu ensinal-o-hia a cumprir os seus deveres. Pois bem; entendamo-nos de uma vez: fique sabendo que amanhã ha-de acompanhar-me a casa de sua avó, para pedir-lhe perdão do seu reprovavel procedimento. Quanto á prima com quem se corresponde, porque eu o sei, faça o que lhe dictar a sua consciencia, que deve ser a de um homem de bem, na certeza de que jámais consentirei que a illuda, e que se divirta a brincar com o coração de uma moça inexperta.

Sem esperar resposta, D. Thereza retirou-se, um tanto magoada de haver sido tão aspera com o unico filho que lhe restava, emquanto elle, com o olhar fito na porta por onde acabava de sahir sua mãe, fazia as seguintes reflexões:

— Eis ahi uma boa lição de moral! Eu, com vinte e cinco annos, ainda aprendendo! Estas velhas... E quasi me deu a entender que casasse com Isabel. Era o que faltava! Não foi ella quem primeiro me escreveu, pedindo o meu retrato, dizendo que me amava e que esperava ser correspondida? Mandei-lh'o, escrevi-lhe, e como todo o homem precisa de uma distracção, proporcionaram-m'a, distrahi-me. E ainda se fosse só Isabel, vá; mas Olympia, essa

sonsa, que me anda todos os dias incomodando com os seus bilhetinhos, com as suas flores?... E' verdade que ambas são formosas e ricas... porém Isabel é mais moça e...

Bateram á porta.

— Quem é?

— Sou eu, sou eu, Sr. Antoninho, abra que temos cartinha fresca.

O moço abriu a porta e entrou o moleque que vimos ha pouco sahir da casa da rua do Cattete, gesticulando e fazendo mil tregeitos.

— O que ha?

— Em primeiro logar, as coisas parece que não andam lá muito boas, porque as meninas estão hoje de arrufos. Em segundo, está aqui uma cartinha da prima Isabel; e em terceiro, outra cartinha da velha.

— Bom, deixa ver.

E tomando das mãos do moleque as duas cartas que lhe eram dirigidas, deu preferencia á da avó, abriu-a e leu:

« Meu neto.

« Todos nós temos sentido o teu afastamento d'esta casa, por um motivo tão frivolo que nem merece a pena recordar-se. Tuas primas querem que chegues até aqui. Ellas são crianças e carecem de divertir-se, para o que têm necessidade de uma pessoa que as acompanhe nos seus passeios; o que eu não posso fazer, attentas a minha molestia e idade. E como te considero um rapaz de juizo, convido-te a fazel-o em meu logar; o que será uma prova da consideração em que tens a tua avó

MARIA DAS DÔRES »

— Pobre velha! disse elle, terminando

a leitura. Vamos á outra, que, mais ou menos, deve ser igual ás que sempre vêm de tal procedencia.

E leu:

« Primo do meu coração... »

E interrompendo a leitura, exclamou:

— E' muito idiota esta minha prima!

De repente como um raio que tivesse estalado na sala, appareceu D. Thereza, que ouvindo o que seu filho disséra, bradou, batendo com o punho cerrado sobre uma mesa:

— Idiota é o Sr., seu insolente!

— Ih! Temos trovada! resmungou o moleque.

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa).



Profissão de fé

Eu sou poeta, senhora,
Por synonymia—voluvel;
E' para mim a constancia
Inda um problema insoluvel.

+

Já comparei muitas vezes
O inconstante ao beija-flor;
Pois bem, senhora, confesso
Que sou colibri de amor.

+

Disse uma vez que o voluvel
E' folha que ao vento gira:
De amor ás auras vagueio
Nos cantos de minha lyra.

+

Já chamei ao inconstante
De—pensamento—, ora veja!
Pois não duvideis, senhora,
Que mais voluvel eu seja!

+

Podeis crer: ou ninguem amo,
Ou todas amo em geral;
E a vós todas adorando,
Adoro ao meu ideal.

+

Amo d'uma a bocca, os olhos,
D'outra a voz melodiosa;
Desta o collo, as mãos, o riso,
D'aquella as faces de rosa.

+

Uma tem lindos cabellos,
A bella tez que sonhei;
Aquella a terna volupia
Das creações que formei.

+

Vós todas sois lindas flores,
Amor o mel que reçuma;
Eu sou a tenra abelhinha,
Sugo amor, vou d'uma em uma.

+

Fica pois advertida:
Só ama á lyra o cantor,
Um poeta só procura
Lhe inspirem cantos de amor.

S. JUNIOR.



O suspiro

Suspira oh! anjo, suspira :
 Para soffrer nós nascemos,
 Para penar nós tivemos
 Um sensível coração !

Embora gozem os outros
 Uma ephemera ventura....

O que ha, senão amargura,
 Do mundo na solidão ?

Este degredo afflictivo
 E', para amarmos, tão breve...
 Finda a vida, e só descreve
 Uma curva em afflicção.

Sahidos do pó da terra,
 Ao pó da terra voltamos :
 Do berço em pranto marchamos
 Para o socego do chão.

Só noss'alma immorredoura,
 Divina flamma celeste,
 De luz eterna se veste,
 Busca de Deus a mansão

Alli, da terra esquecidos,
 Colhendo celestes flores,
 Os nossos puros amores
 Os anjos invejarão.

No seio de Deus sorrindo...
 Que delicias fruiremos !
 Se agora tristes soffremos,
 Não soffreremos então.

Alli, nossas almas puras,
 Uma só alma formando,
 Eternamente sonhando,
 Sem ciume viverão.

MOSAICO

Retrato de um teimoso

Em teimas ninguem me iguala ;
 Sempre com teimosos tópo;
 Ha de ser de páo o copo
 Emquanto Deus me dér falla :
 E' de páo e me regala.
 Em teimas sou infinito,
 E' de páo e bem bonito,
 E' de páo que elle foi feito,
 E' de páo e sem defeito,
 E' de páo e tenho dito.



CHARADAS

As do ultimo numero eram : Canario,
 Amor.

Um semestre do *Sorriso* para o 1.º decifrador d'estas :

1-1--Se é branco anda de luto.

A's avessas, muito além do sol eu moro—1
 A's avessas, nego a posse, a negativa—1
 A's avessas, sou da dôr voz expressiva—1
 Nome querido, encantador, que adoro.

1-1—Um nada por Jupiter immortalizado.

ENIGMA

Tem quatro letras meu todo,
 No alphabeto as verás,
 Tira-lhe duas, de modo
 Que só uma encontrarás,
 E se afinal lhe tirares
 Verás a preposição,
 Se não tirares é verbo,
 Adverbio ou conjuncção.